

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑOL

JANIO ALEXANDRE JUNIOR

**FRONTEIRA SONORA: O PAPEL DA MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE CULTURAL DE INDIVÍDUOS FRONTEIRIÇOS NO MUNICÍPIO
PONTA PORÃ/MS – BRASIL**

Aquidauana – MS

Janeiro/2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE AQUIDAUANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑOL

JANIO ALEXANDRE JUNIOR

**FRONTEIRA SONORA: O PAPEL DA MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE CULTURAL DE INDIVÍDUOS FRONTEIRIÇOS NO MUNICÍPIO
PONTA PORÃ/MS – BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Licenciatura – habilitação em português/espanhol da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana sob a orientação da Prof.^a Dra. Facunda Concepción Mongelos Silva como exigência para obtenção do título de licenciado em Letras – português/espanhol.

Aquidauana – MS
Janeiro/2026

JANIO ALEXANDRE JUNIOR

**FRONTEIRA SONORA: O PAPEL DA MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE CULTURAL DE INDIVÍDUOS FRONTEIRIÇOS NO MUNICÍPIO
PONTA PORÃ/MS – BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras – Licenciatura – habilitação em português/espanhol da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana sob a orientação da Prof.^a Dra. Facunda Concepción Mongelos Silva como exigência para obtenção do título de licenciado em Letras – português/espanhol.

Aprovado em:

Prof.^a Dr.^a Facunda Concepción Mongelos Silva
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPAq

Prof.^a Rejane de Aquino Souza
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPAq

Prof.^a Aparecida de Souza dos Santos
Universidade Católica Dom Bosco – UCDB

Aquidauana – MS
Janeiro/2026

*À minha mãe e à minha avó, que hoje descansam,
eternas égides da minha fragilidade e faróis silenciosos das
minhas perdas mais profundas.*

*As palavras se mostram insuficientes diante da vastidão
do que representaram; guardo-as na memória e no coração,
como tesouros que o tempo não pode roubar. Privilégio o meu.*

RESUMO

Este trabalho analisa o papel da música na construção da identidade cultural e linguística de indivíduos que vivem na fronteira Brasil-Paraguai, com foco nas cidades-gêmeas de Ponta Porã (Mato Grosso do Sul) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). Partindo da compreensão da fronteira como um espaço sociocultural dinâmico, e não apenas como um limite geopolítico, a pesquisa utiliza o conceito de “fronteira sonora” para investigar como as práticas musicais atravessam territórios, línguas e pertencimentos nacionais, contribuindo para a formação de identidades híbridas. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Stuart Hall, Gloria Anzaldúa e Grosjean, que compreendem a identidade cultural e linguística como processos históricos, relacionais e em constante negociação, especialmente em contextos de contato cultural intenso. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise documental e na observação indireta de práticas musicais registradas em materiais audiovisuais, produções musicais, rádios comunitárias e eventos culturais da região, sem a realização de entrevistas. A análise evidencia que a música ocupa um lugar central no cotidiano fronteiriço, funcionando como prática social, mediadora cultural e espaço de negociação identitária. Gêneros musicais brasileiros e paraguaios coexistem e circulam entre os dois lados da fronteira, frequentemente incorporando o uso do português, do espanhol e do guarani. Essa mescla musical e linguística reflete práticas cotidianas de bilinguismo e multilinguismo, contribuindo para a legitimação de identidades fronteiriças plurais. Conclui-se que a música ultrapassa a função de entretenimento e se consolida como elemento fundamental na produção de memória coletiva, no fortalecimento de vínculos sociais e na ressignificação das fronteiras simbólicas, evidenciando seu papel na construção das identidades cultural e linguística na fronteira Brasil-Paraguai.

Palavras-chave: música de fronteira; identidade cultural; identidade linguística; fronteira Brasil-Paraguai; práticas culturais.

RESUMEN

Este trabajo analiza el papel de la música en la construcción de la identidad cultural y lingüística de los individuos que viven en la frontera Brasil-Paraguay, con énfasis en las ciudades gemelas de Ponta Porã (Mato Grosso do Sul) y Pedro Juan Caballero (Paraguay). Partiendo de la comprensión de la frontera como un espacio sociocultural dinámico, y no solo como un límite geopolítico, la investigación utiliza el concepto de “frontera sonora” para examinar cómo las prácticas musicales atraviesan territorios, lenguas y pertenencias nacionales, contribuyendo a la formación de identidades híbridas. La fundamentación teórica se apoya en autores como Stuart Hall, Gloria Anzaldúa y Grosjean, quienes conciben la identidad cultural y lingüística como procesos históricos, relaciones y en constante negociación, especialmente en contextos de intenso contacto cultural. Desde el punto de vista metodológico, el estudio adopta un enfoque cualitativo, basado en el análisis documental y en la observación indirecta de prácticas musicales registradas en materiales audiovisuales, producciones musicales, radios comunitarias y eventos culturales de la región, sin la realización de entrevistas. El análisis ha evidenciado que la música ocupa un lugar central en la vida cotidiana fronteriza, funcionando como práctica social, mediadora cultural y espacio de negociación identitaria. Géneros musicales brasileños y paraguayos coexisten y circulan entre ambos lados de la frontera, incorporando con frecuencia el uso del portugués, del español y del guaraní. Esta mezcla musical y lingüística refleja prácticas cotidianas de bilingüismo y multilingüismo, contribuyendo a la legitimación de identidades fronterizas plurales. Se concluye que la música trasciende la función de entretenimiento y se consolida como un elemento fundamental en la producción de la memoria colectiva, en el fortalecimiento de los vínculos sociales y en la resignificación de las fronteras simbólicas, evidenciando su papel en la construcción de las identidades cultural y lingüística en la frontera Brasil-Paraguay.

Palabras clave: música de frontera; identidad cultural; identidad lingüística; frontera Brasil-Paraguay; prácticas culturales.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Metodologia.....	9
2. IDENTIDADE CULTURAL, IDENTIDADE LINGUÍSTICA E O PAPEL DA MÚSICA.....	12
2.1 Identidade cultural.....	12
2.2 Identidade linguística.....	14
2.3 Música como prática cultural.....	15
3. A FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI: CARACTERÍSTICAS SOCIOCULTURAIS.....	18
3.1 A fronteira e suas dinâmicas.....	19
3.2 As cidades gêmeas Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai).....	20
4. MÚSICA DE FRONTEIRA: EXPRESSÕES MUSICAIS NA REGIÃO DE PONTA PORÃ-PEDRO JUAN CABALLERO.....	23
4.1 A música de fronteira.....	24
4.2 Práticas musicais na fronteira: Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai)....	26
4.3 A música como elemento que atravessa identidades.....	27
5. A MÚSICA COMO PRÁTICA SOCIAL E COMO CONSTRUTORA DA IDENTIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA NA FRONTEIRA.....	30
5.1 Música como prática social.....	30
5.2 Construção da identidade cultural.....	32
5.3 Construção da identidade linguística.....	34
5.4 Síntese da análise.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o estudo da música como prática social e como elemento constitutivo da identidade cultural e linguística em contextos de fronteira, tomando como recorte a região entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). A pesquisa busca compreender de que maneira as práticas musicais que circulam nesse espaço fronteiriço contribuem para a construção de pertencimentos, para a produção de identidades híbridas e para a legitimação de práticas linguísticas bilíngues ou multilíngues, próprias da vivência cotidiana na fronteira. Ao articular aportes teóricos dos estudos culturais, linguísticos e de fronteira, o trabalho analisa a música como um campo privilegiado de observação das relações sociais, culturais e linguísticas que atravessam esse território.

As regiões de fronteira constituem espaços privilegiados para a observação de dinâmicas sociais, culturais e linguísticas que emergem do contato entre diferentes povos. Mais do que simples linhas divisórias entre Estados-nação, as fronteiras configuram-se como territórios dinâmicos, nos quais circulam sujeitos, bens materiais, práticas culturais, línguas e símbolos. Assim, tornam-se ambientes caracterizados por uma constante negociação de significados, por processos de ressignificação identitária e pela convivência de múltiplas tradições. No caso específico da fronteira Brasil-Paraguai, especialmente nas cidades-gêmeas¹ Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY), a proximidade geográfica cria condições singulares de interação cotidiana entre brasileiros e paraguaios, cujas práticas culturais se entrelaçam e produzem novas formas de expressão social.

Nesse cenário, a música desempenha um papel central na construção e expressão da identidade cultural e linguística dos indivíduos que habitam a região. A chamada “fronteira sonora”² não se limita à presença simultânea de diferentes gêneros musicais; ela abrange o modo como práticas sonoras se articulam a sentidos de pertencimento, memória coletiva e interculturalidade. A música funciona como um espaço de mediação entre culturas, contribuindo para consolidar identidades híbridas que rompem com classificações rígidas de nacionalidade. Na fronteira Brasil-Paraguai, tradições musicais como a polca paraguaia, a guarânia e o chamamé dialogam com gêneros brasileiros, como a música sertaneja e o pagode, e com expressões globais como o *reggaeton* e o pop. Essa diversidade sonora reflete processos complexos de circulação cultural e

¹ Cidades-gêmeas: São pares de cidades localizadas em países distintos, separadas por uma fronteira internacional, mas caracterizadas por intensa integração social, econômica, cultural e linguística, com circulação cotidiana de pessoas, bens e práticas culturais, fazendo da fronteira mais um espaço de contato do que de separação.

² Fronteira sonora: Este conceito, proposto por Ana María Ochoa Gautier, refere-se à circulação de sons e práticas musicais que atravessam fronteiras geográficas e culturais, criando espaços simbólicos de contato, negociação identitária e hibridização cultural.

demonstra a capacidade da música de aproximar universos distintos, criando ambientes de convivência marcados pela pluralidade.

A relevância de investigar o papel da música nesse contexto se intensifica quando se observa que grande parte dos estudos sobre fronteiras, sobretudo na América do Sul, privilegia abordagens políticas, econômicas ou relacionadas à segurança pública. Embora tais perspectivas sejam importantes, elas frequentemente invisibilizam dimensões culturais e linguísticas igualmente fundamentais para compreender a vida cotidiana nesses territórios (Anzaldúa, 2016). A fronteira Brasil-Paraguai, marcada por intensas trocas sociais, é um exemplo emblemático dessa lacuna acadêmica. Nesse sentido, este estudo se justifica pelo potencial de contribuir para uma compreensão ampliada da fronteira, valorizando práticas culturais locais e discutindo como sujeitos fronteiriços constroem e negociam suas identidades a partir da música.

A música, enquanto prática social, desempenha funções que ultrapassam o entretenimento. Conforme aponta Assmann (2008), as manifestações culturais são responsáveis pela produção e manutenção da memória coletiva, preservando tradições, experiências e narrativas compartilhadas ao longo do tempo. Ao cantar, ouvir ou compartilhar canções, indivíduos reafirmam sua inserção em determinados grupos, atualizam laços comunitários e produzem sentidos sobre si mesmos. Na fronteira Brasil-Paraguai, esse processo é atravessado por uma característica singular: a presença simultânea de três línguas (o português, o espanhol e o guarani). A alternância linguística, longe de fragmentar identidades, expressa um modo de vida fronteiriço que se estrutura na convivência com diferentes repertórios linguísticos e culturais. Assim, a música se torna instrumento privilegiado para observar como línguas coexistem, se misturam e se transformam em práticas cotidianas.

Sob a perspectiva de Hall (2003), a identidade cultural é construída em processos contínuos de negociação e ressignificação, influenciados por relações de poder, práticas discursivas e experiências sociais. Ao analisar a fronteira Brasil-Paraguai a partir desse entendimento, é possível compreender como a música atua como marcador identitário, articulando diferentes dimensões da vida fronteiriça. As canções que circulam na região, confeccionadas ou apropriadas pelos próprios sujeitos, revelam experiências compartilhadas, afetividades, práticas linguísticas e imaginários sociais que constituem a identidade local. O ato de cantar em diferentes línguas, por exemplo, torna-se expressão subjetiva e coletiva de pertencimentos múltiplos, característicos de populações que habitam espaços de contato cultural.

Além disso, a música desempenha papel significativo nos espaços de sociabilidade. Festas populares, rádios comunitárias, bares, festivais culturais e eventos transfronteiriços funcionam como cenários nos quais o convívio musical estimula a circulação de repertórios bilíngues ou trilíngues. Nesses ambientes, a música não apenas diverte, mas educa, normaliza o uso alternado

das línguas e contribui para a consolidação de identidades plurais. Dessa forma, rompe fronteiras simbólicas e fortalece vínculos entre indivíduos de diferentes nacionalidades, mostrando que a vivência fronteiriça é marcada muito mais por conectividades do que por separações.

Com base nesses elementos, este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel da música na construção da identidade cultural e linguística de indivíduos que vivem na fronteira Brasil-Paraguai, destacando sua importância como prática social, memória coletiva e mediadora de processos de bilinguismo e interculturalidade. Para alcançar tal propósito, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: (I) identificar os principais gêneros musicais presentes no cotidiano da região de fronteira dos municípios de Ponta Porã/MS/Brasil e Pedro Juan Caballero, departamento de Amambay/Paraguay; (II) compreender de que forma a música contribui para a construção da identidade cultural dos sujeitos fronteiriços; e (III) analisar o papel da música em espaços de sociabilidade, como festas, rádios comunitárias e eventos transfronteiriços.

Além do caráter teórico, a justificativa deste estudo também se fundamenta em aspectos práticos. Ao evidenciar a riqueza cultural da fronteira, a pesquisa contribui para desconstruir representações estigmatizadas que reduzem a região a um espaço de violência, contrabando ou ilegalidade, ignorando a vitalidade cultural que define a vida cotidiana local. Ao reconhecer a potência integradora da música, o trabalho oferece subsídios para políticas culturais e educacionais que valorizem a diversidade linguística e fortaleçam práticas comunitárias. Assim, a pesquisa beneficia não apenas o campo acadêmico, mas também a própria sociedade fronteiriça, ao dar visibilidade a suas práticas culturais e linguísticas.

Assim, a estrutura deste trabalho está organizada da seguinte maneira: Capítulo 1 inicia-se com a Introdução que apresenta o tema, a justificativa, os objetivos da pesquisa e a metodologia. O Capítulo 2 discute sobre identidade cultural, identidade linguística e o papel da música. O Capítulo 3 caracteriza a fronteira Brasil-Paraguai e suas características socioculturais. O Capítulo 4 discute sobre a música de fronteira na região de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. O Capítulo 5 trata da música como prática social e apresenta e discute os resultados obtidos, analisando o papel da música no cotidiano fronteiriço. Por fim, as Considerações Finais sintetizam os principais achados e apontam contribuições e possibilidades de pesquisas futuras.

1.1Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental e na observação indireta de práticas musicais, buscando compreender de que modo a música participa da construção e da negociação das identidades culturais e linguísticas dos indivíduos que habitam a fronteira Brasil-Paraguai. A escolha por essa metodologia decorre tanto do tempo

disponível para a elaboração do trabalho quanto da natureza do objeto estudado, que exige a interpretação cuidadosa de materiais já existentes e de registros culturais amplamente difundidos na região. Além disso, a pesquisa se desenvolveu sem a realização de entrevistas, privilegiando fontes documentais, registros públicos e materiais audiovisuais acessíveis, garantindo assim um percurso metodológico viável e coerente com os limites e objetivos propostos.³

Um aspecto central desta investigação é o conceito de “fronteira sonora”, expressão que se refere às interações musicais que atravessam, conectam e ressignificam espaços culturais distintos. A música, segundo autores como Carvalho, Corrêa; Costa e Costa (2023) e Caetano; Missio; Deffacci (2014), pode ser compreendida como um território simbólico no qual identidades são construídas, negociadas e compartilhadas. Assim, ao tomar como referência o entendimento desses pesquisadores, esta pesquisa considera a fronteira sonora como um espaço social, simbólico e cultural em que repertórios, estilos, práticas e línguas se encontram, ultrapassando os limites físicos que marcam a divisão política entre Brasil e Paraguai. A fronteira sonora, portanto, não corresponde apenas ao território geográfico, mas ao conjunto de trocas musicais que circulam entre grupos fronteiriços, revelando processos de mistura, continuidade e diálogo cultural. Por esse motivo, o conceito é aqui utilizado como ferramenta analítica para observar a música enquanto mediadora das múltiplas identidades presentes na região.

Para compreender esse fenômeno, conforme Gil (2002) a análise documental desempenha papel central no desenvolvimento da pesquisa. Foram levantadas e examinadas diversas fontes escritas, visuais e sonoras que tratam da música na fronteira, incluindo artigos acadêmicos, livros, teses, reportagens de jornais locais, revistas culturais, blogs especializados e páginas eletrônicas de artistas que atuam em cidades fronteiriças. Também foram analisados materiais musicais como letras de canções, repertórios de festivais, gravações, videoclipes e apresentações disponibilizadas em plataformas digitais. Esses documentos permitem identificar os gêneros musicais mais recorrentes, mapear os idiomas presentes nas execuções (como português, espanhol e guarani) e observar como os discursos sobre a fronteira são construídos e representados através da música.

Complementarmente à análise documental, foi realizada a observação indireta de práticas musicais, por meio de registros audiovisuais disponíveis em redes sociais, plataformas de *streaming*, transmissões de rádios comunitárias e coberturas de eventos culturais. Essa estratégia

³ As fontes documentais e audiovisuais utilizadas na pesquisa foram coletadas em bases acadêmicas e acervos digitais amplamente reconhecidos, tais como o Google Acadêmico, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a plataforma SciELO e o Portal de Periódicos da CAPES, além de registros jornalísticos e culturais disponíveis em jornais e revistas digitais da região de fronteira. Também foram analisados materiais audiovisuais e sonoros disponíveis em plataformas digitais, como YouTube, Spotify e rádios locais em formato on-line, bem como páginas eletrônicas e redes sociais de artistas, coletivos culturais e instituições ligadas à produção musical na fronteira Brasil–Paraguai.

metodológica se justifica pela impossibilidade de realizar observação presencial no contexto estudado e reforça a decisão de não incluir entrevistas. Tal procedimento permite acompanhar manifestações musicais em festas populares, festivais binacionais, celebrações religiosas, eventos estudantis e demais ocasiões em que a música ocupa lugar central nas relações de sociabilidade da região. A observação desses registros, mesmo à distância, possibilita descrever de maneira rigorosa os usos sociais da música, a presença das línguas nas performances e o papel desempenhado pelos artistas e pelos públicos na construção de sentidos compartilhados.

A combinação entre análise documental e observação indireta permite construir um panorama abrangente e consistente da fronteira sonora, iluminando a forma como repertórios musicais circulam e produzem significados identitários entre Brasil e Paraguai (Gautier, 2014). Esses procedimentos possibilitam compreender como a música atua como elemento de mediação intercultural, revelando a coexistência e o diálogo entre diferentes tradições linguísticas e culturais (Caetano; Missio; Deffacci, 2017). Além disso, essa metodologia garante a viabilidade da pesquisa dentro dos prazos estabelecidos, assegurando que os objetivos propostos sejam alcançados mediante a interpretação crítica de materiais acessíveis publicamente e sem depender da realização de entrevistas ou de contato direto com participantes.

Dessa forma, à luz de Caetano; Missio e Deffacci (2017) a metodologia adotada se mostra adequada ao propósito de investigar a música como expressão da vida fronteiriça, entendida aqui como espaço de circulação simbólica e cultural. A partir da análise de documentos e da observação cuidadosa de práticas musicais registradas digitalmente, é possível compreender como se configuram os processos de construção identitária na fronteira Brasil-Paraguai, reconhecendo a música como um território de encontros, negociações e continuidades que caracteriza essa região singular (Hall, 1990; 2006).

Nesse percurso, o Capítulo 1 dedica-se à apresentação dos fundamentos teóricos que sustentam a análise desenvolvida ao longo do trabalho. Nele, são discutidos os conceitos de identidade cultural e identidade linguística, compreendidas como construções históricas, simbólicas e relacionais, bem como a música enquanto prática cultural e social. Ao articular esses eixos teóricos, o capítulo oferece as bases conceituais necessárias para compreender o papel da música na constituição das identidades culturais e linguísticas em contextos de fronteira, especialmente na região Brasil-Paraguai.

2. IDENTIDADE CULTURAL, IDENTIDADE LINGUÍSTICA E O PAPEL DA MÚSICA

Este capítulo apresenta os fundamentos teóricos que orientam a análise do trabalho, articulando os conceitos de identidade cultural, identidade linguística e música como prática cultural. Inicialmente, discute-se a identidade cultural a partir de uma perspectiva processual e relacional, compreendendo-a como uma construção histórica e simbólica. Em seguida, aborda-se a identidade linguística, destacando o papel da língua como marcador de pertencimento em contextos bilíngues e multilíngues, especialmente na fronteira Brasil-Paraguai. Por fim, analisa-se a música como prática cultural, enfatizando seu papel na expressão, negociação e fortalecimento das identidades, sobretudo em contextos fronteiriços marcados pelo hibridismo cultural e linguístico.

2.1 Identidade Cultural

A identidade cultural pode ser compreendida como um processo pelo qual indivíduos e grupos constroem sentidos de pertencimento a partir de elementos simbólicos compartilhados. Esses elementos envolvem práticas sociais, memória histórica, valores, tradições, modos de viver e sistemas de significados que organizam a experiência coletiva. No entanto, essa identidade não é fixa, natural ou essencial. Stuart Hall destaca que a identidade cultural deve ser entendida como “uma produção” e, portanto, “sempre em processo” Hall (1990).

Para Hall (1990), a identidade cultural possui duas dimensões fundamentais. A primeira dimensão é aquela que busca enfatizar uma espécie de ancestralidade comum, uma continuidade histórica, aquilo que liga os membros de um grupo por meio de “pontos de sutura” simbólicos. Essa perspectiva permite compreender que a identidade se ancora em memórias, narrativas compartilhadas e experiências coletivas que conferem coesão a um grupo. A segunda dimensão, igualmente importante, é a que reconhece que as identidades são mutáveis, fragmentadas e profundamente influenciadas pelo contexto histórico e social. Hall afirma que as identidades são formadas dentro da história e da cultura, e nunca fora delas, de modo que “não são nunca unificadas; ao contrário, estão sujeitas a um processo constante de transformação”.

Nessa perspectiva, a identidade cultural se constrói a partir do diálogo constante entre continuidade e mudança. Ao mesmo tempo em que há elementos que se repetem, também há ressignificações, reorganizações simbólicas e novas formas de expressão. É por isso que Hall defende que a identidade não pode ser vista como algo fixo, mas como resultado de “posicionamentos” que os sujeitos assumem dentro das relações sociais.

[...] identidade cultural não é, de modo algum, uma essência fixa, que existe inalterada aquém da história e da cultura. Não é um qualquer espírito universal e transcendental que nos habita e no qual a história não deixou nenhum traço fundamental. [...] A relação é sempre construída por intermédio da memória, da fantasia, da narrativa e do mito. As identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, que se concretizam adentro dos discursos da história e da cultura. Não são uma essência mas um posicionamento. (Hall, 1990, p. 226, tradução Regina Afonso)

Além disso, Hall (1990) enfatiza o caráter relacional da identidade cultural. Ela se constitui tanto pelo reconhecimento de semelhanças quanto pela identificação das diferenças. Ele afirma que as identidades emergem “no interior do jogo da diferença e da semelhança”, o que significa que a identidade é produzida na interação entre o eu e o outro, entre o que se assume como pertencente e aquilo que se diferencia.

Assim, a identidade cultural pode ser entendida como algo que se forma dentro dos processos simbólicos que organizam a vida social. Não é uma característica natural das pessoas, mas algo que vai sendo produzido nas interações, nas memórias compartilhadas e nas práticas que circulam em determinado contexto. Elementos como a língua, as expressões artísticas, a música, os gestos e as histórias atuam como ferramentas por meio das quais os sujeitos aprendem a se reconhecer e a dar sentido à própria experiência. É dentro desse universo simbólico que os grupos constroem noções de pertencimento como apontou Hall (1990).

Por isso, a identidade não é fixa, mas ela se transforma conforme novas narrativas, influências e experiências passam a fazer parte da vida coletiva dos indivíduos. Cada geração vai redefinindo aquilo que considera significativo para si. Com isso, ao invés de algo definitivo, a identidade é um processo em constante atualização, moldado pela história e pelas mudanças culturais que atravessam a sociedade. A forma como um grupo se comprehende hoje é resultado de uma série de negociações e reconstruções que vêm sendo realizadas ao longo do tempo.

Em síntese, segundo Hall (1990), a identidade cultural deve ser compreendida como um processo contínuo, aberto e historicamente situado. Ela envolve permanência e mudança, memória e criação, tradição e inovação. Essa concepção permite compreender identidades complexas (como as de regiões de fronteira) que se constroem a partir de múltiplos referenciais culturais, práticas híbridas e interações constantes entre diferentes grupos e línguas.

2.2 Identidade Linguística

A identidade linguística pode ser entendida como o modo pelo qual indivíduos e grupos se reconhecem por meio da língua ou das línguas que utilizam. Ela não se resume ao domínio técnico das estruturas linguísticas; envolve valores culturais, sentidos compartilhados, memórias e formas de participação social. Por isso, a língua não é apenas um código, mas um componente simbólico que expressa pertencimento (Grosjean, 2016).

Quando observamos contextos multilíngues, como é o caso da fronteira Brasil-Paraguai, a identidade linguística se torna ainda mais evidente. Nesse espaço, as pessoas transitam entre línguas diferentes e atribuem a cada uma delas funções específicas no cotidiano. A teoria de Grosjean sobre o uso das línguas ajuda a compreender esse fenômeno. Ele afirma que pessoas bilíngues não utilizam suas línguas da mesma forma em todos os contextos, mas distribuem seu uso conforme as necessidades sociais. Em suas palavras, “Bilíngues geralmente adquirem e usam suas línguas para propósitos diferentes, em domínios diferentes da vida, com pessoas diferentes” (Grosjean, 2016, p. 68).

Esse princípio, conhecido como Princípio da Complementaridade, demonstra que a língua escolhida em cada situação está diretamente ligada ao significado social que ela assume naquele contexto. Assim, a identidade linguística se manifesta justamente na maneira como a pessoa se posiciona linguisticamente: qual língua usa, com quem, em quais espaços e para quais funções. Assim, isso revela que a identidade linguística é situada e relacional. Ela se constrói na interação social, nas expectativas do ambiente e nas relações de pertencimento. Grosjean (2016) reforça essa ideia quando observa que o bilíngue circula entre línguas dependendo de quem está presente e da situação, essas escolhas são, na verdade, expressões de identidade. Assim, a identidade linguística também é dinâmica, construída histórica e constantemente reconstruída.

Nesse sentido, a identidade linguística envolve tanto as práticas linguísticas concretas quanto os sentidos simbólicos associados a elas. No caso da fronteira, o português, o espanhol e o guarani não são apenas instrumentos comunicativos, mas também marcadores de pertencimento, distinção e convivência cultural.

Em síntese, a identidade linguística surge das relações que os sujeitos estabelecem com as línguas que utilizam, das experiências sociais que vivem por meio dessas línguas e dos significados culturais atribuídos a cada uma delas. Ela é um processo contínuo, influenciado por domínios de uso, práticas culturais, memórias compartilhadas e transformações históricas que estão sempre em movimento, assim como as comunidades que a constroem (Grosjean, 2016 e Kipper, 2012).

2.3 Música como prática cultural

No entendimento dos autores Caetano, Missio e Defacci (2027), a música, enquanto prática cultural, assume um papel que se estende muito além de sua dimensão estética, firmando-se como um elemento estruturante das identidades, da territorialidade e dos processos de desenvolvimento humano-social e econômico. Em uma sociedade crescentemente marcada pela globalização e pela dinamicidade das relações, a cultura se torna um fator determinante. Nesse contexto, os autores acima, afirmam a valorização das identidades em âmbito local e regional, pois é vista como fundamental.

Neste cenário, a música destaca-se por sua capacidade de fortalecer essas identidades, desde que consiga incorporar e apresentar elementos relacionados ao contexto cultural local. O estudo da produção autoral em regiões de fronteira, por exemplo, como a que envolve Ponta Porã (Brasil/Mato Grosso do Sul) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), demonstra essa capacidade de articulação. Nesses espaços limítrofes, a música pode manifestar uma profunda miscigenação cultural, integrando não apenas idiomas como o Guarani, o Português e o Espanhol, mas também gêneros musicais de circulação global, como rock, pop e rap, sem perder a forte relação com o contexto cultural regional (Caetano; Missio; Defacci, 2017).

Com a criação do estado de MS, em 1977, se fortaleceu a busca pela definição de uma identidade cultural própria. Essa definição incorporou o resgate de elementos simbólicos da cultura paraguaia, dada a influência cultural dos paraguaios que residiam principalmente nas áreas de fronteira do estado. Nesse contexto, a música do país vizinho teve papel de destaque, influenciando de maneira significativa a música sul-mato-grossense e, consequentemente, a sua identidade cultural. Considerando que a dimensão cultural é parte constitutiva no processo de desenvolvimento local/regional, admite-se que a manutenção e/ou fortalecimento desta identidade cultural local aparece como parte importante neste processo. Por sua vez, a música regional tem papel importante no fortalecimento da identidade cultural e no desenvolvimento local. (Caetano; Missio; Defacci, 2017, p. 2-3)

A relevância da música como instrumento de construção e expressão cultural não é um fenômeno recente no Brasil. Durante a década de 1930, a prática musical foi estrategicamente vinculada a um projeto de unificação política e cultural impulsionado pelo governo de Getúlio Vargas (Oliveira, 2022). Nesse período, que prometia a modernização do país, a integração territorial era tida como essencial para superar os resquícios coloniais e incluir os espaços considerados "vazios" ou isolados no desenvolvimento nacional. Para a consolidação dessa identidade nacional coesa, o Estado utilizou amplamente os meios de comunicação de massa. A

radiofonia, em particular, teve um papel crucial a partir dos anos 1930, sendo, segundo (Oliveira, 2022, p. 15) que “o rádio foi considerado, por vezes, o maior fator de expansão cultural e educação cívica, sendo de enorme valor para os interesses integracionistas e unificadores do Estado”.

A política cultural do Estado Novo (1937) objetivou uma centralização e uma forte intervenção estatal, buscando a homogeneização da cultura e a legitimação da brasiliidade como narrativa oficial. A assimilação e a adequação do samba carioca como símbolo nacional, por exemplo, representam o esforço do regime em construir uma imagem simbólica do país a ser disseminada no imaginário popular. Entretanto, as tentativas estatais de homogeneização cultural, embora poderosas, encontraram limites nas expressões regionais e, notadamente, nas zonas de fronteira. A música se torna, então, uma fonte fundamental para observar os referenciais simbólicos em circulação durante o processo de territorialização, como o estimulado pela "Marcha para o Oeste" de Vargas. Gêneros como a música caipira e, especificamente, a trajetória de músicos que transitaram por essas áreas de disputa revelam que as identidades culturais em formação manifestam um jogo de tensões com a narrativa nacional. (Oliveira, 2022)

Um caso ilustrativo dessa complexidade é o do músico Mário Zan, um sanfoneiro ítalo-brasileiro que atuou como um tradutor cultural ao entrar em contato com a musicalidade da fronteira mato-grossense, muitas vezes ligada às tradições paraguaias. Segundo a perspectiva adotada por Oliveira (2022), a formação das culturas implica um processo constante de tradução, pois elas "só podem ser pensadas de maneira relacional entre si".

É importante considerar que a formação das culturas carrega consigo uma necessidade de tradução cultural, afinal as mesmas só podem ser pensadas de maneira relacional entre si. Uma dinâmica que é amarrada pela interpretação e organização das diferentes práticas em contato. Entender esse caráter anti-essencialista das culturas é extremamente importante para a análise da trajetória do sanfoneiro, permitindo assumir que as identidades em jogo – mesmo que expressas de formas aparentemente monolíticas – sempre estiveram em constante mudança. (Oliveira, 2022, p. 91)

Ao reorganizar e reinterpretar os elementos culturais regionais, Zan demonstrou que a prática musical na fronteira expressava um jogo de tensões entre a narrativa nacional e as culturas que pouco respeitavam as fronteiras políticas. Isso evidencia que, apesar do discurso oficial que por vezes negava as proximidades com a América Latina, a música como prática cultural nos interiores do país cultivava referenciais em comum com as nações vizinhas (Oliveira, 2022). Em última

análise, a música, seja na fronteira histórica dos anos 1940 ou na contemporânea zona de Ponta Porã/Pedro Juan Caballero, demonstra que as identidades são construídas e negociadas, e não entidades monolíticas ou essenciais (Caetano; Missio; Defacci, 2017; Oliveira, 2022).

Diante dessas reflexões, torna-se necessário deslocar o olhar da música enquanto prática cultural para o espaço social em que essas identidades são produzidas e negociadas. Compreender a música como expressão das tensões, dos encontros e das trocas culturais implica, portanto, analisar o próprio território fronteiriço que possibilita tais dinâmicas. Nesse sentido, o capítulo seguinte dedica-se à caracterização da fronteira Brasil–Paraguai, especialmente das cidades-gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, buscando compreender os aspectos históricos, sociais, culturais e linguísticos que configuram esse espaço e fundamentam as práticas musicais e identitárias discutidas ao longo deste trabalho.

3. A FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI: CARACTERÍSTICAS SOCIOCULTURAIS

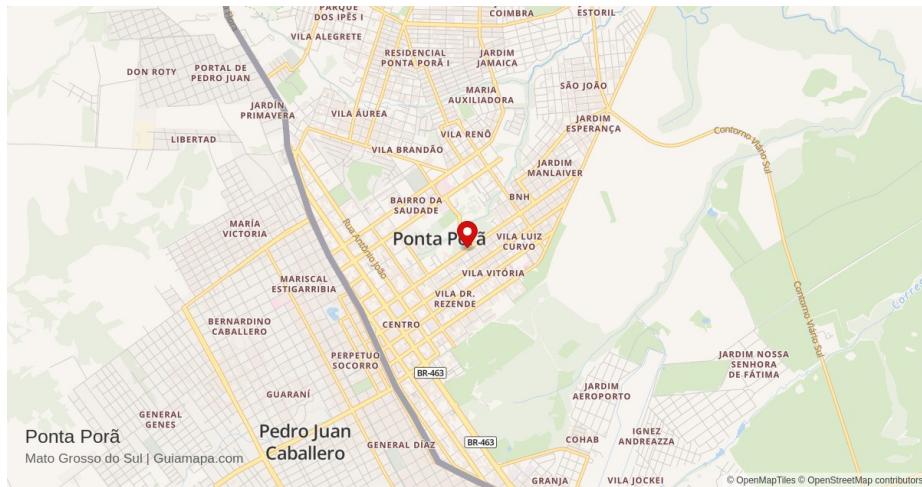


Imagen 01: Fronteira Brasil-Paraguai
Disponível em: <https://guiamapa.com/ms/ponta-pora>

Este capítulo aborda a fronteira Brasil–Paraguai como um espaço sociocultural dinâmico, marcado pela circulação de pessoas, línguas e práticas culturais. A análise concentra-se nas cidades-gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, destacando seus processos históricos, as dinâmicas de convivência cotidiana e o contato linguístico e cultural que caracteriza a região, evidenciando a fronteira como um espaço de interação e construção identitária (Anzaldúa, 2016).

A fronteira que separa o Brasil do Paraguai é muito mais do que uma linha geopolítica demarcada por tratados internacionais e fiscalizada por órgãos de segurança. Ela é, sobretudo, um espaço sociocultural dinâmico, marcado pela co-presença de povos, línguas e hábitos que resistem à ideia de separação estanque. A relevância acadêmica de estudar este território reside na sua capacidade de revelar como as identidades são negociadas, transformadas e reafirmadas num local de contato contínuo (Anzaldúa, 2016).

A região fronteiriça Brasil–Paraguai é um laboratório social onde o biculturalismo e o bilinguismo não são exceções, mas sim a regra do cotidiano. As cidades gêmeas, como Ponta Porã (Brasil/Mato Grosso do Sul) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), funcionam como verdadeiros aglomerados urbanos transnacionais, onde o fluxo de pessoas, mercadorias e informações é incessante (Caetano; Missio; Deffacci, 2017).

Neste contexto, a análise das características socioculturais exige o abandono de uma perspectiva centrada apenas nas nações e a adoção de uma ótica que reconheça a fronteira como um terceiro espaço. É nesse interstício que se desenvolve uma cultura híbrida e complexa, moldada por

séculos de interação, desde o período colonial até as atuais dinâmicas do comércio e do trabalho transfronteiriço. Para compreender essa complexidade, o aparato teórico de Gloria Anzaldúa (2016), que discute a fronteira a partir da experiência da Nueva Mestiza no contexto México-EUA, oferece ferramentas valiosas para a desconstrução do conceito tradicional de limite (Anzaldúa, 2016).

3.1 A fronteira e suas dinâmicas

A análise da fronteira Brasil-Paraguai exige um movimento que transcende a definição geopolítica e cartográfica. Tradicionalmente, a fronteira é concebida como uma linha precisa, estabelecida por tratados e marcos físicos, destinada a delimitar a soberania nacional e a exercer o controle alfandegário e migratório. Contudo, essa visão ignora a complexidade social e a vivência dos sujeitos que habitam o entorno dessa linha. O campo acadêmico contemporâneo, influenciado pelas teorias pós-coloniais e de fronteira, propõe que a fronteira seja encarada como um território de intersecção e um espaço de construção identitária (Anzaldúa, 2016).

É neste ponto que a teoria de Anzaldúa (2016), desenvolvida em *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza* (2016), oferece uma poderosa chave interpretativa. A autora redefine a fronteira não como um mero limite, mas como a "terra fronteiriça" (*Borderlands*), um espaço físico, psíquico e espiritual. Para Anzaldúa (2016), a fronteira é, emblematicamente, “uma ferida aberta onde o Terceiro Mundo colide com o Primeiro Mundo e sangra” (Anzaldúa, 2016, p. 39, tradução nossa).

No contexto Brasil-Paraguai, essa metáfora da "ferida aberta" manifesta-se nas profundas assimetrias econômicas e sociais. A fronteira é onde o dinamismo do mercado brasileiro se encontra com a estrutura econômica paraguaia, gerando uma zona de alta fluidez de capital e mercadorias, mas também de desigualdade estrutural. A linha divisória, portanto, não apenas separa nações, mas também estratifica classes sociais e oportunidades, no entendimento de (Anzaldúa, 2016).

O habitante da *Borderland* vive num limiar constante, obrigado a negociar a sua existência entre duas culturas, duas economias e, muitas vezes, duas jurisdições legais. É a própria experiência de vida que torna o conceito de fronteira fluidificado, transformando a linha divisória em uma zona de contato. O trânsito diário de trabalhadores e estudantes entre cidades como Ponta Porã e Pedro Juan Caballero evidencia que a fronteira é, na prática, um espaço contínuo de vida (Anzaldúa, 2016), como se pode notar na imagem a seguir:



Imagen 02: Fronteira Brasil-Paraguai (Ponta Porã – Pedro Juan Caballero)
Disponível em: google maps

Dessa forma, em vez de um ponto de parada, a fronteira torna-se um território existencial onde os opositos se encontram e se debatem. O conceito de fronteira deve, assim, abarcar essa dupla realidade: a de demarcação política rígida e a de fluidez sociocultural inerente à convivência. Essa abordagem permite que o foco da pesquisa saia da dicotomia nacional para se concentrar na cultura fronteiriça que emerge no interstício.

3.2 As cidades-gêmeas: Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai)

As cidades de Ponta Porã, no Brasil, e Pedro Juan Caballero, no Paraguai, constituem um exemplo emblemático de cidades-gêmeas na faixa de fronteira entre os dois países, marcadas por uma intensa interação histórica, social, cultural e linguística. A formação desse espaço fronteiriço remonta ao final do século XIX, quando a região era conhecida como “Punta Porã”, denominação associada à Laguna Porã, local estratégico para circulação de tropeiros, viajantes e comerciantes, sobretudo, ligados à exploração da erva-mate. Segundo Franco e Conte (2023), essa atividade econômica foi fundamental para o povoamento da região e para o estabelecimento de vínculos sociais entre brasileiros e paraguaios desde os primeiros momentos de ocupação do território.

A Guerra do Paraguai (1864-1870) representou um marco decisivo na redefinição política e territorial da área, resultando na separação formal entre os dois países e na consolidação de Ponta Porã como cidade brasileira e Pedro Juan Caballero como cidade paraguaia. No entanto, apesar da delimitação político-administrativa, os laços sociais, econômicos e culturais não foram rompidos. Ao contrário, conforme destacam Franco e Conte (2023), a fronteira manteve-se como um espaço de circulação contínua, no qual as relações entre os habitantes dos dois lados sempre se

caracterizaram pela proximidade e pela convivência cotidiana. Essa convivência se manifesta de forma evidente no uso das línguas que circulam na região.

O cotidiano de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero é marcado pelo contato constante entre o português, o espanhol e o guarani, configurando um cenário multilíngue no qual a alternância linguística é uma prática comum. No comércio, nas interações informais, nos meios de comunicação e nas relações familiares, observa-se o uso fluido dessas línguas, muitas vezes combinadas em uma mesma situação comunicativa. Essa dinâmica não se reduz a uma adaptação funcional, mas constitui um elemento central da identidade fronteiriça, na medida em que o uso da língua revela pertencimentos múltiplos e experiências compartilhadas. (Wichmann, 1991)

Assim, a situação linguística da fronteira pode ser compreendida à luz dos estudos sobre contato linguístico. Wichmann (1991), ao discutir as contribuições de Thomason e Kaufman, afirma que o contato prolongado entre comunidades linguísticas distintas pode gerar mudanças significativas nas línguas envolvidas, especialmente quando há condições sociais favoráveis à troca e ao convívio cotidiano. Esse entendimento contribui para a análise da realidade linguística de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, onde o uso recorrente de diferentes línguas em contextos sociais diversos favorece práticas híbridas e naturalizadas, que se tornam parte constitutiva da vida cotidiana e da identidade local.

Além da dimensão linguística, a mistura cultural é um dos aspectos mais marcantes da convivência social nas cidades-gêmeas. A ausência de barreiras físicas entre os dois municípios permite a circulação constante de pessoas, mercadorias e práticas culturais, fazendo com que a fronteira seja vivenciada menos como limite e mais como espaço de encontro. Franco e Conte (2023) destacam que o comércio desempenha papel central nesse processo, evidenciado pela circulação de diferentes moedas, pela presença de produtos brasileiros e paraguaios em ambos os lados da fronteira e pela intensificação das trocas econômicas com a implementação dos *free shops*⁴.

As práticas culturais compartilhadas também se expressam nas festividades, nos hábitos alimentares e nas formas de sociabilidade. O consumo do tereré⁵, a preparação de alimentos

⁴ Free shops: são lojas autorizadas a comercializar produtos importados com isenção de impostos em áreas de fronteira ou zonas alfandegadas, contribuindo para a intensificação do comércio e da circulação de consumidores nesses territórios.

⁵ O tereré é uma bebida tradicional preparada com erva-mate e água gelada, servida em guampa com bomba, consumida de forma coletiva e associada a práticas de convivência e identidade cultural, especialmente no Paraguai e nas regiões de fronteira com o Brasil.

tradicionais como a chipa⁶ e a sopa paraguaia⁷, bem como a participação conjunta em eventos religiosos e comemorativos, revelam uma cultura vivida de forma integrada. Essas práticas não pertencem exclusivamente a um dos países, mas são apropriadas e ressignificadas pelos sujeitos que habitam o espaço fronteiriço, produzindo um sentimento de pertencimento que ultrapassa as fronteiras nacionais.

Dessa forma, a fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero pode ser compreendida como um espaço socialmente construído, no qual as identidades são continuamente negociadas a partir da convivência cotidiana. As línguas, as práticas culturais e as relações sociais se entrelaçam, configurando uma realidade híbrida e dinâmica. Conforme apontam Franco e Conte (2023), trata-se de um território marcado pela fluidez das identidades e pela constante interação entre referências brasileiras e paraguaias, o que evidencia que a fronteira não separa, mas conecta, produzindo modos próprios de viver, falar e se reconhecer.

Diante desse cenário de intensa convivência sociocultural e de identidades em constante negociação, torna-se fundamental analisar de que maneira essas dinâmicas se materializam nas práticas culturais cotidianas da fronteira. Entre essas práticas, a música ocupa um lugar de destaque, por articular línguas, memórias, experiências sociais e pertencimentos múltiplos. Assim, o capítulo seguinte volta-se à análise das expressões musicais da fronteira Ponta Porã–Pedro Juan Caballero, buscando compreender como a música emerge como uma das principais formas de manifestação e construção das identidades culturais e linguísticas nesse espaço fronteiriço

⁶ A chipa é um alimento tradicional do Paraguai, preparado à base de polvilho (fécula de mandioca), queijo, ovos e gordura, geralmente assado. É amplamente consumido no cotidiano e em eventos culturais, sendo um símbolo da culinária paraguaia.

⁷ A sopa paraguaia é um prato típico do Paraguai, de consistência sólida, semelhante a um bolo salgado, feito com milho, queijo, ovos, cebola e leite. Apesar do nome, não é uma sopa líquida e representa um importante elemento da identidade cultural paraguaia.

4. MÚSICA DE FRONTEIRA: EXPRESSÕES MUSICAIS NA REGIÃO DE PONTA PORÃ – PEDRO JUAN CABALLERO

Este capítulo analisa a música de fronteira como expressão cultural característica da região formada pelas cidades-gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, compreendendo-a como uma prática social atravessada por dinâmicas de contato cultural, linguístico e identitário. Ao abordar a música de fronteira, as práticas musicais locais e a circulação das produções entre os dois lados da fronteira, o capítulo busca evidenciar de que maneira a música atua como elemento central na construção de identidades culturais e linguísticas híbridas, marcadas pela convivência cotidiana entre diferentes tradições, línguas e pertencimentos.

A música ocupa um lugar central nas práticas culturais das sociedades humanas, configurando-se como uma forma de expressão que ultrapassa o entretenimento e se inscreve nos modos de sentir, pensar e se reconhecer dos indivíduos. Presente em diferentes contextos sociais — como rituais, celebrações, manifestações religiosas, políticas e cotidianas —, a música atua como um importante meio de produção de sentidos, por meio do qual grupos sociais expressam valores, memórias, crenças e experiências compartilhadas. Dessa forma, a música não apenas reflete a cultura de um povo, mas participaativamente da construção das identidades individuais e coletivas. (Hall, 1990; 2006)

Enquanto prática social, a música contribui para a formação de vínculos de pertencimento, funcionando como um marcador simbólico capaz de diferenciar grupos e, ao mesmo tempo, aproxima-los. As sonoridades, os ritmos, as letras e os estilos musicais carregam marcas históricas e culturais que possibilitam aos sujeitos reconhecerem-se em determinadas tradições ou trajetórias sociais (Hall, 1990; 2006). Nesse sentido, a identidade dos indivíduos é constantemente atravessada pelas experiências musicais, que ajudam a organizar memórias, afetos e narrativas sobre quem se é e de onde se vem. Em contextos marcados pela diversidade cultural e pelo contato entre diferentes grupos sociais, o papel da música na construção identitária torna-se ainda mais evidente. A música passa a funcionar como espaço de negociação simbólica, no qual elementos culturais distintos se encontram, se misturam e se ressignificam. Assim, as expressões musicais revelam não apenas heranças culturais específicas, mas também processos de hibridização que emergem das interações sociais contínuas (Asmann, 2008).

É nesse cenário que se insere a música produzida e vivenciada em regiões de fronteira. Em espaços fronteiriços, onde línguas, costumes e identidades nacionais se cruzam cotidianamente, a

música assume características próprias, resultantes da convivência entre diferentes tradições culturais. Conforme Anzaldúa (2016) a fronteira deixa de ser apenas um limite geográfico e passa a ser compreendida como um espaço simbólico e cultural, no qual as práticas musicais expressam experiências compartilhadas, tensões, pertencimentos múltiplos e modos singulares de viver.

Dessa forma, o presente capítulo propõe discutir a música de fronteira como uma expressão cultural específica, tomando como foco a região formada pelas cidades-gêmeas de Ponta Porã, no Brasil, e Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Ao analisar as manifestações musicais desse contexto, busca-se compreender de que maneira a música participa da construção da identidade cultural e linguística dos indivíduos que habitam esse espaço fronteiriço, evidenciando os processos de interação, hibridização e produção de sentidos que caracterizam a vida na fronteira Brasil–Paraguai.

4.1 A música de fronteira

A música de fronteira pode ser compreendida como uma manifestação cultural que emerge das dinâmicas sociais próprias dos espaços fronteiriços, caracterizados pela convivência contínua entre diferentes povos, línguas e tradições culturais. Diferentemente das produções musicais vinculadas a identidades nacionais homogêneas, a música de fronteira se constrói a partir do contato, da troca e da circulação de referências culturais diversas, assumindo um caráter híbrido e relacional. Nesse sentido, conforme destacam Caetano, Missio e Deffacci (2017), a música desempenha um papel fundamental na produção e no fortalecimento das identidades culturais locais, especialmente em contextos marcados pela diversidade e pelo intercâmbio cultural.

Um dos aspectos mais evidentes da música de fronteira é a mistura de ritmos, resultado do diálogo constante entre diferentes tradições musicais. Na região fronteiriça, ritmos associados a contextos nacionais distintos passam a coexistir e a se influenciar mutuamente, dando origem a expressões musicais que não se limitam a uma única matriz cultural. Segundo Oliveira (2015), ao analisar a música fronteiriça no Brasil, observa-se que os gêneros musicais são apropriados e resignificados a partir das experiências sociais e históricas vividas nesses espaços, revelando processos de adaptação e reelaboração cultural que expressam a vivência cotidiana da fronteira. Além da dimensão rítmica, a mistura de idiomas constitui um elemento central da música de fronteira e reflete diretamente o contexto sociolinguístico das regiões fronteiriças. As letras das canções transitam entre o português, o espanhol e, em alguns casos, o guarani, evidenciando práticas de bilinguismo e multilinguismo que fazem parte do cotidiano dos indivíduos. Para Caetano, Missio e Deffacci (2017), o uso de diferentes línguas nas produções culturais não apenas reflete a realidade linguística local, mas atua como um marcador identitário, por meio do qual os

sujeitos expressam pertencimentos múltiplos e constroem sentidos de identificação com o espaço fronteiriço.

Assim, outro elemento relevante da música de fronteira é a combinação de instrumentos e tradições musicais oriundos de diferentes contextos culturais. Instrumentos associados a repertórios nacionais distintos passam a ser utilizados de forma integrada, contribuindo para a criação de sonoridades que dialogam com múltiplas heranças culturais. Conforme aponta Oliveira (2015), a música fronteiriça reelabora tradições musicais nacionais, inserindo-as em um contexto de contato cultural permanente, no qual os limites entre o “nacional” e o “local” tornam-se porosos. Essa combinação instrumental reforça o caráter coletivo e social da música, uma vez que os saberes musicais são transmitidos e compartilhados no cotidiano das comunidades fronteiriças.

Esses processos de mistura de ritmos, idiomas e tradições resultam no que pode ser compreendido como hibridismo musical. O hibridismo não se reduz à simples soma de elementos culturais distintos, mas envolve a criação de novas formas musicais que expressam identidades em constante construção. Para Caetano, Missio e Deffacci (2017), a música em contextos de fronteira constitui um espaço de negociação simbólica, no qual os sujeitos elaboram sentidos de pertencimento a partir da convivência com a diferença. Assim, a música de fronteira torna-se um campo privilegiado para observar como as identidades culturais são produzidas de maneira dinâmica, relacional e histórica.

O hibridismo musical presente nas regiões de fronteira revela, ainda, a complexidade das relações sociais estabelecidas nesses espaços, onde a música passa a funcionar como uma linguagem capaz de articular experiências individuais e coletivas, transformando vivências cotidianas em expressões simbólicas compartilhadas. Conforme argumenta Oliveira (2015), as produções musicais fronteiriças não apenas refletem influências externas, mas expressam as condições sociais, políticas e culturais específicas da fronteira, funcionando como registros simbólicos das experiências vividas pelos sujeitos.

Dessa forma, a música de fronteira pode ser compreendida como uma prática cultural híbrida, profundamente vinculada às experiências sociais e identitárias dos indivíduos que habitam esses territórios. Ao articular ritmos diversos, múltiplos idiomas, instrumentos e tradições musicais, a música fronteiriça expressa modos específicos de viver, conviver e se reconhecer na fronteira. Conforme evidenciam Caetano, Missio e Deffacci (2017) e Oliveira (2015), essas expressões musicais não apenas representam a fronteira, mas participam ativamente da construção das identidades culturais, revelando a música como um elemento central na produção simbólica e identitária das regiões fronteiriças.

4.2 Práticas musicais da fronteira: Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai)

As práticas musicais desenvolvidas na fronteira entre Ponta Porã, no Brasil, e Pedro Juan Caballero, no Paraguai, constituem um elemento central da vida cultural da região, refletindo as dinâmicas sociais próprias dos espaços fronteiriços. A música, nesse contexto, não se restringe a uma manifestação artística isolada, mas se apresenta como uma prática social profundamente vinculada ao cotidiano dos sujeitos, acompanhando atividades sociais, econômicas e culturais. Conforme analisam Caetano, Missio e Deffacci (2017), a música em regiões de fronteira se insere em processos contínuos de interação cultural, nos quais os indivíduos constroem sentidos de pertencimento a partir da convivência entre diferentes tradições.

Na região de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, observa-se a presença e a circulação de diversos gêneros musicais, entre os quais se destacam o sertanejo, a guarânia, o chamamé e a polca paraguaia. Esses gêneros coexistem e se articulam no cotidiano fronteiriço, compondo um repertório musical compartilhado por brasileiros e paraguaios. Segundo Caetano, Missio e Deffacci (2017), a circulação desses gêneros evidencia a permeabilidade das fronteiras culturais, uma vez que as produções musicais atravessam os limites nacionais e passam a integrar as práticas culturais locais.

[...] foi possível identificar 39 artistas, dos mais variados gêneros musicais, que compõe o cenário musical da fronteira. Dos 39 artistas ativos na cena musical fronteiriça atual, 20 são de Ponta Porã e 19 de Pedro Juan Caballero. A pesquisa mostrou que, quanto ao gênero musical, existem 12 artistas ligados ao ritmo Sertanejo, 9 ligados ao Pop/Rock, 5 Música Paraguaia, 4 ao Metal, 3 ao Rap/Hip Hop, 2 ao Reggae, 2 ao Samba/Pagode, 1 ao Funk e 1 a Música Instrumental. (Caetano; Missio; Deffacci, 2017, p. 19)

As performances musicais desempenham papel fundamental na manutenção e na difusão dessas práticas culturais. Apresentações ao vivo em bares, festas populares, encontros informais e eventos públicos fazem parte do cotidiano da fronteira, funcionando como espaços de sociabilidade e de troca cultural. Essas performances constituem momentos privilegiados de interação social, nos quais a música atua como mediadora das relações entre os sujeitos e como elemento de fortalecimento dos vínculos comunitários. As festas e eventos culturais também se configuram como espaços centrais de circulação da música na região fronteiriça. Festividades populares, celebrações religiosas e eventos organizados por instituições públicas ou privadas são marcados pela presença constante da música, que contribui para a construção de um ambiente de convivência entre diferentes tradições culturais. Esses eventos reforçam a dimensão coletiva das práticas

musicais e promovem a visibilidade das expressões culturais da fronteira. (Caetano, Missio e Deffacci, 2017)

Outro elemento fundamental na difusão das práticas musicais fronteiriças é o papel das rádios locais, que funcionam como importantes meios de circulação cultural. As emissoras da região frequentemente transmitem repertórios variados, incluindo músicas brasileiras, paraguaias e produções regionais, contribuindo para a formação de um imaginário musical compartilhado. Segundo Caetano, Missio e Deffacci (2017), as rádios ampliam o alcance das expressões musicais locais e reforçam a familiaridade do público com diferentes gêneros musicais presentes na fronteira.

Além da consulta aos estabelecimentos e aos artistas, ressalta-se ainda a grande contribuição de radialistas brasileiros e paraguaios, que são profissionais que conhecem a cena musical da fronteira. De fato, esta primeira fase ocorreu sem muitas restrições e classificações, de forma mais abrangente. (Caetano; Missio; Deffacci, 2017,p. 19)

A circulação da música entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero evidencia, assim, a fluidez das práticas culturais na fronteira. Músicas, artistas e repertórios atravessam diariamente o limite territorial, acompanhando o deslocamento dos sujeitos em suas atividades cotidianas. Conforme analisam Caetano, Missio e Deffacci (2017), essa circulação constante faz com que a música se constitua como uma prática cultural híbrida, profundamente vinculada às experiências sociais e identitárias dos indivíduos que vivem na região.

4.3 A música como elemento que atravessa identidades

A música constitui um dos elementos culturais mais expressivos na construção e na circulação das identidades em contextos de contato cultural intenso, como ocorre nas regiões de fronteira. Nesses espaços, as produções musicais não se restringem a um único território nacional, mas atravessam limites geográficos, linguísticos e simbólicos, participando ativamente da formação de identidades híbridas e dinâmicas. A música, ao circular entre diferentes grupos sociais, torna-se um meio privilegiado de articulação entre experiências individuais e coletivas, permitindo que os sujeitos expressem pertencimentos múltiplos (Gautier, 2014).

Em regiões fronteiriças, a música circula de forma contínua entre os dois lados da fronteira, acompanhando os fluxos cotidianos de pessoas, mercadorias e práticas culturais. Canções produzidas em um país são consumidas, reinterpretadas e ressignificadas no outro, fazendo com que os repertórios musicais se tornem compartilhados. Nesse sentido, a música não apenas atravessa a fronteira física, mas contribui para a construção de um espaço cultural comum, no qual as

identidades nacionais deixam de ser rígidas e passam a ser negociadas no cotidiano (Oliveira, 2022).

A identidade não é tão transparente ou desproblematizada como gostamos de pensar. Por isso, em vez de pensarmos na identidade como um facto, que encontra representação a posteriori em práticas culturais novas, talvez devamos pensar na identidade como uma "produção"; algo que nunca está completo, que é sempre processual e sempre constituído no quadro, e não fora, da representação. (Hall, 1990, p. 222, tradução Regina Afonso)

A circulação da música nos dois lados da fronteira evidencia que as identidades culturais não são fixas, mas se constroem a partir do contato e da troca. Conforme argumenta Hall (1990), as identidades são produzidas dentro de contextos históricos e culturais específicos, estando sempre em processo de transformação. Aplicada ao campo musical, essa perspectiva permite compreender a música como uma prática cultural que reflete e, ao mesmo tempo, produz sentidos de pertencimento em contextos marcados pela diversidade cultural.

Outro aspecto central da música como elemento que atravessa identidades diz respeito à mescla de línguas nas letras das canções. Em regiões fronteiriças, é comum a alternância entre o português, o espanhol e o guarani, refletindo práticas linguísticas cotidianas dos sujeitos que vivem nesses espaços. A escolha e a combinação das línguas nas músicas não ocorrem de forma aleatória, mas expressam relações sociais, afetivas e identitárias. A língua, nesse contexto, funciona como marcador simbólico de pertencimento e como recurso expressivo para representar a experiência fronteiriça (Hall, 1990; 2006).

A mescla linguística presente nas canções evidencia a música como espaço de negociação identitária, no qual diferentes códigos culturais coexistem e se articulam. Ao utilizar mais de uma língua em suas letras, os artistas expressam a pluralidade cultural da fronteira e reforçam a ideia de que a identidade não se limita a uma única referência nacional ou linguística. Essa prática musical contribui para a naturalização do multilinguismo e para o reconhecimento da diversidade como elemento constitutivo da identidade local. Além disso, a música que atravessa identidades também se manifesta na produção local, fortemente influenciada pelas tradições culturais dos países que compõem a fronteira. Os músicos locais dialogam com gêneros, estilos e temáticas oriundos de ambos os lados, criando produções que incorporam referências brasileiras, paraguaias e, em alguns casos, de outros contextos regionais. Essa produção musical local não se configura como mera reprodução de modelos externos, mas como um processo criativo de apropriação e ressignificação cultural.

As culturas não são nunca puras, mas resultado de processos históricos de contato, deslocamento e tradução cultural. As identidades que delas emergem são, portanto, híbridas, negociadas e permanentemente inacabadas. (Hall, 2006, p. 88)

A influência de cada país na produção musical fronteiriça contribui para a constituição de identidades híbridas, nas quais elementos culturais distintos se combinam para dar origem a novas expressões simbólicas. A música, nesse sentido, atua como um espaço de síntese cultural, no qual as diferenças não são apagadas, mas articuladas de forma criativa. Conforme a perspectiva de Hall (2006), essas formas culturais híbridas revelam a complexidade das identidades contemporâneas, especialmente em contextos marcados pela mobilidade e pela diversidade.

Dessa forma, a música pode ser compreendida como um elemento que atravessa identidades ao circular entre territórios, articular diferentes línguas e incorporar influências culturais diversas. Em contextos fronteiriços, de acordo com Caetano; Missio; Deffacci (2017)ela se consolida como uma prática cultural fundamental para a construção de sentidos de pertencimento, funcionando como um meio de expressão das experiências sociais vividas pelos sujeitos. Assim, a música não apenas reflete as identidades da fronteira, mas participa ativamente de sua produção, evidenciando o caráter dinâmico, relacional e histórico das identidades culturais.

A partir dessas reflexões, torna-se necessário aprofundar a análise do papel da música não apenas como expressão identitária, mas como prática social inscrita no cotidiano dos sujeitos fronteiriços. Nesse sentido, o capítulo seguinte desloca o foco da música enquanto elemento simbólico para sua atuação concreta nas relações sociais, buscando compreender como as práticas musicais participam da construção de pertencimentos, da circulação de memórias e da mediação das interações culturais e linguísticas na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

5. A MÚSICA COMO PRÁTICA SOCIAL E COMO CONSTRUTORA DA IDENTIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA NA FRONTEIRA

Este capítulo tem como objetivo analisar a música como prática social e como elemento central na construção das identidades cultural e linguística na fronteira entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). Partindo da compreensão da música como fenômeno socialmente situado, discute-se seu papel na mediação das interações cotidianas, na produção de pertencimentos e na preservação de memórias coletivas. O capítulo também aborda como as práticas musicais fronteiriças expressam processos de hibridismo cultural e legitimam identidades linguísticas bilíngues e multilíngues, evidenciando a música como um espaço privilegiado de articulação entre cultura, língua e experiência fronteiriça.

5.1 Música como prática social

A música pode ser compreendida como uma prática social na medida em que se constitui a partir das relações entre indivíduos e grupos, estando profundamente integrada à vida cotidiana. Longe de ser apenas uma manifestação estética ou artística isolada, a música acompanha ações sociais, rituais coletivos, experiências afetivas e processos de socialização. Conforme discutem (Carvalho, Corrêa e Costa e Costa (2023), a música se realiza no fazer conjunto, no compartilhar com o outro e no diálogo constante que se estabelece nos diferentes contextos sociais em que os sujeitos estão inseridos.

A música, enquanto prática social atua conjunto, no fazer e partilhar com os outros, no dialogar e em vários hábitos que fazem parte do nosso cotidiano coletivo. [...] A música, enquanto prática social é um meio que influencia o seguimento da cooperação, da intersubjetividade por meio de práticas em que o fazer música se transforma em um meio de comunhão com os outros, como forma verbal de conhecer o outro. Dessa forma, por meio de diversas maneiras de participação, no encontro com a música e com os outros, as crianças poderão encontrar oportunidade de reconfigurar o seu eu e a sua vida. (Carvalho, Corrêa e Costa e Costa, 2023, p. 125)

A presença da música na vida cotidiana evidencia seu papel como mediadora das interações sociais. Ela está presente em celebrações, encontros familiares, atividades escolares, eventos comunitários e momentos informais de convivência. Ao participar dessas experiências, os sujeitos constroem significados, compartilham emoções e reforçam vínculos sociais. Nesse sentido, a

música não apenas reflete a realidade social, mas contribui ativamente para sua constituição, funcionando como um elemento organizador das práticas coletivas. A música como prática social também se destaca por sua capacidade de promover interação. Ao envolver o fazer musical coletivo (cantar, tocar, ouvir ou dançar), a música cria espaços de encontro entre os sujeitos, favorecendo trocas simbólicas e afetivas. De acordo com Carvalho, Corrêa e Costa e Costa (2023), a música atua como um meio de cooperação e intersubjetividade, possibilitando que os indivíduos se reconheçam como parte de um grupo social.

Além de promover interação, a música desempenha um papel fundamental na construção da memória social. As experiências musicais vivenciadas coletivamente são incorporadas às trajetórias de vida dos indivíduos, tornando-se referências afetivas e simbólicas que evocam lembranças, histórias e contextos socioculturais específicos. Canções, ritmos e performances musicais funcionam como marcadores de experiências compartilhadas, contribuindo para a preservação de memórias individuais e coletivas e para a transmissão de saberes culturais entre gerações.

Nesse processo, a música também atua como elemento de pertencimento, pois possibilita que os sujeitos se identifiquem com práticas culturais comuns e se reconheçam como parte de um grupo social. Ao participar de atividades musicais, os indivíduos constroem sentidos de identidade e de inserção social, fortalecendo laços comunitários. A música contribui para a constituição dos sujeitos em sua dimensão social, ao favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da convivência e do reconhecimento do outro (Carvalho; Corrêa; Costa e Costa, 2023)

O ensino da música tem influência significativa no processo de aprendizagem, como no convívio social da criança através do desenvolvimento da sensibilidade e, assim, ao conviverem socialmente se constituem como sujeitos. (Carvalho, Corrêa e Costa e Costa, 2023, p. 125)

A música, enquanto prática social, pode ainda assumir um caráter de resistência cultural, na medida em que expressa valores, histórias e experiências de grupos específicos. Ao ser produzida e vivenciada em contextos sociais determinados, a música pode afirmar identidades coletivas, preservar tradições e questionar modelos culturais hegemônicos. Nesse sentido, ela se torna um instrumento simbólico por meio do qual os sujeitos reafirmam suas vivências, seus pertencimentos e suas formas de interpretar o mundo.

Outro aspecto relevante da música como prática social se refere à sua contribuição para a formação de valores éticos, afetivos e culturais. Ao integrar o cotidiano dos sujeitos, a música

influencia modos de agir, sentir e compreender a realidade social. Conforme apontam Carvalho, Corrêa e Costa e Costa (2023), a vivência musical em contextos diversos amplia a compreensão de mundo dos indivíduos e fortalece os processos de socialização e aprendizagem.

Dessa forma, a música como prática social pode ser compreendida como um fenômeno sociocultural que atravessa a vida cotidiana, promove interação, preserva memórias, fortalece sentimentos de pertencimento e pode atuar como forma de resistência cultural. Ao articular práticas coletivas e experiências individuais, a música contribui para a constituição dos sujeitos em sua dimensão social, cultural e simbólica. Assim, a música ultrapassa a condição de simples expressão artística e se afirma como um elemento fundamental na organização da vida social (Carvalho; Corrêa; Costa e Costa, 2023).

5.2 Construção da identidade cultural

A construção da identidade cultural está profundamente relacionada às práticas simbólicas que organizam a vida social dos indivíduos, entre as quais a música ocupa lugar de destaque. Em contextos de fronteira, como aqueles vivenciados por populações marcadas pela circulação constante entre territórios nacionais, línguas e culturas, a música atua como um elemento estruturante do reconhecimento cultural, permitindo que os sujeitos se identifiquem, se diferenciem e se posicionem socialmente. Mais do que uma forma de expressão artística, a música se constitui como prática social capaz de articular memórias, afetos e pertencimentos, contribuindo para a produção de identidades que são, simultaneamente, locais, híbridas e historicamente situadas (Caetano; Missio; Deffacci, 2017).

No contexto fronteiriço, a identidade cultural não se apresenta como algo fixo ou homogêneo, mas como um processo dinâmico, continuamente negociado nas interações cotidianas. Conforme destacado no estudo sobre música, fronteira e identidade cultural de Caetano, Missio e Deffacci, as manifestações musicais tornam-se espaços privilegiados de reconhecimento, pois nelas se condensam experiências vividas, referências culturais e marcas linguísticas compartilhadas pelos sujeitos da fronteira. Nesse sentido, a música possibilita que os indivíduos se reconheçam culturalmente, não apenas pelo conteúdo das letras ou pelos ritmos utilizados, mas também pelas práticas sociais que envolvem sua produção e circulação.

Esse reconhecimento cultural mediado pela música está diretamente ligado à capacidade que ela possui de evocar experiências comuns e produzir sentidos compartilhados. Ao ouvir, cantar ou dançar determinadas músicas, os sujeitos acionam memórias individuais e coletivas que remetem à

vida na fronteira, às relações familiares, às festas populares e às dinâmicas sociais que atravessam o cotidiano. Assim, a música funciona como um marcador identitário, permitindo que os indivíduos se reconheçam como pertencentes a um grupo cultural específico, ainda que esse grupo seja caracterizado pela diversidade e pela mistura (Caetano; Missio; Deffacci, 2017).

O hibridismo cultural emerge, nesse contexto, como uma característica central da construção identitária. Nas regiões de fronteira, a convivência entre diferentes tradições musicais, línguas e referências culturais resulta na criação de formas musicais híbridas, que não pertencem exclusivamente a uma única matriz nacional ou cultural. O texto *Música, fronteira e identidade cultural* evidencia que essas produções musicais são fruto de processos históricos e sociais de contato, circulação e troca cultural, nos quais os sujeitos reinterpretam elementos diversos para produzir novas formas de expressão.

[...] As identidades nacionais estão inseridas, de um modo geral, em nossa língua, em nossos costumes e em nossos sistemas culturais, ressalta-se que essas identidades estão longe de serem homogêneas, uma vez que são constantemente influenciadas por diferenças étnicas, sociais, geográficas e históricas. O Brasil, em razão de sua grande extensão territorial e sua formação histórica miscigenada, da qual sofreu diversas influências culturais e sociais (europeia, africana, indígena), possui uma característica sócio cultural conhecida como “hibridismo cultural”. [...] o hibridismo cultural articula elementos aparentemente díspares e auto excludentes na forma de atitudes e produtos culturais e é uma das marcas singulares da modernização não somente brasileira, mas também latino-americana. Esta característica pode ser apontada como um fator essencial na potencialização da criatividade intelectual e artística, auxiliando na promoção e manutenção das diferentes identidades culturais presentes no país. (Caetano, Missio, Deffacci, 2017, p. 9)

Esse hibridismo não deve ser entendido como perda de identidade, mas como uma forma legítima de produção cultural que reflete a complexidade das experiências fronteiriças. Ao contrário, as identidades construídas a partir dessas práticas musicais híbridas revelam a capacidade dos sujeitos de transitar entre diferentes universos culturais, apropriando-se de múltiplas referências para afirmar sua pertença a um espaço social específico. Nesse processo, a música atua como um meio de tradução cultural, permitindo que diferenças sejam negociadas e integradas às práticas cotidianas.

A memória sonora desempenha papel fundamental nesse processo de construção identitária. As músicas que circulam na fronteira carregam marcas do passado coletivo, funcionando como

arquivos sonoros das experiências vividas pelos grupos sociais. Canções, estilos musicais e performances tornam-se suportes de memória, preservando narrativas, sentimentos e valores que atravessam gerações. Conforme aponta o estudo sobre os “brasiguaios” de Silvio Antônio Colognese, a música é um dos elementos que contribuem para a manutenção das memórias culturais em contextos de deslocamento e mobilidade.

A origem da identidade brasiguaias está relacionada com a imigração de brasileiros na fronteira com o Paraguai a partir da década de 1950. As primeiras levas consideráveis de brasileiros entraram em território paraguaio em 1954. Em sua maioria eram grandes proprietários de terras. Este processo se intensificou a partir de 1961, quando o Governo Paraguai criou o programa “Marcha al Este”. [...] Portanto, apesar das controvérsias e imprecisões que a identidade brasiguaias traduz, ela continua sendo amplamente utilizada notadamente pela imprensa e no cotidiano. O seu sentido é constantemente reinterpretado, afirmado ou negado, agregado ou suprimido de acordo com os sujeitos e os interesses envolvidos no ambiente desta fronteira. Ela é uma expressão do contraditório ambiente de conflito e de integração envolvendo as relações identitárias nas fronteiras. E este é um processo dinâmico e permanente. [...] A identidade brasiguaias é construída, reconstruída e desconstruída nesta dinâmica de relações na fronteira, sem que nunca possa ser isolada e definida em termos essenciais. No caso dos brasiguaios esta realidade é ainda mais expressiva, pois se trata de uma identidade nascida na fronteira. (Colognese, 2012, p. 149-155)

Dessa forma, a construção da identidade cultural em contextos de fronteira deve ser compreendida como um processo relacional, no qual a música atua como elemento mediador entre passado e presente, entre diferentes tradições culturais e entre experiências individuais e coletivas. Ao possibilitar o reconhecimento cultural, promover o hibridismo e preservar a memória sonora, a música contribui de maneira decisiva para a constituição das identidades fronteiriças, revelando-se como uma prática social fundamental na organização da vida cultural desses territórios.

5.3 Construção da identidade linguística

A construção da identidade linguística em contextos de fronteira está profundamente associada às práticas sociais que emergem do contato contínuo entre diferentes línguas e culturas. Nessas regiões, a língua deixa de ser compreendida como um sistema estável e homogêneo e passa a ser vivenciada como prática social dinâmica, marcada pela alternância, pela mistura e pela negociação constante de sentidos. Na fronteira entre Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero

(Paraguai), esse fenômeno se manifesta de maneira evidente na convivência cotidiana entre o português, o espanhol e o guarani, especialmente em práticas culturais como a música.

Embora o texto “O portunhol na tríplice fronteira Brasil–Colômbia–Peru”, de Ana Carolina da Silva Teixeira (2024) trate de um outro espaço fronteiriço, suas reflexões teóricas permitem compreender processos semelhantes vivenciados na fronteira Brasil–Paraguai. Segundo a autora, o uso híbrido das línguas não representa deficiência linguística, mas sim uma estratégia comunicativa legítima, construída socialmente e carregada de valor identitário. A prática do portunhol, nesse sentido, revela-se como um marcador de pertencimento fronteiriço, que expressa a experiência cotidiana de transitar entre diferentes universos linguísticos.

[...] o portunhol é uma prática linguística que vem se desenvolvendo e é utilizado por essas comunidades pela proximidade das línguas no contexto que está inserido. Por esse motivo, o Brasil emerge como um país a ser reconhecido como plurilíngue, dado o contato entre diversas línguas em uma mesma região. [...] É nesse cenário de intensa fluidez fronteiriça que se destaca o fenômeno do portunhol, proporcionando uma compreensão mútua entre hispano falantes e brasileiros. (Teixeira, 2024, p. 31)

Na música produzida e consumida na fronteira Brasil–Paraguai, essa mistura linguística se evidencia de forma expressiva. Letras que alternam entre português, espanhol e, em alguns casos, guarani refletem a experiência bilíngue ou multilíngue dos sujeitos fronteiriços. A música, nesse contexto, atua como um espaço privilegiado de legitimação dessas práticas linguísticas híbridas, permitindo que os falantes se reconheçam cultural e linguisticamente sem a necessidade de se adequar a uma norma monolíngue.

Ao ampliar essa discussão, Kipper (2012) oferece um importante aporte teórico ao tratar do contato linguístico e do bilinguismo em regiões de fronteira. A autora destaca que a proximidade territorial e a interação constante entre os povos tornam inviável a manutenção de línguas homogêneas, favorecendo a convivência e a interpenetração linguística.

Em se tratando de situações de fronteira, é inevitável o contato linguístico entre os povos, visto que, na maioria dos casos, é apenas uma rua que os delimita. Verifica-se assim que é impossível afirmar que nestes locais sobreviverão um português ou um espanhol homogêneo. Nestes contextos, o contato provoca, evidentemente, uma convivência (abstrata) de línguas. (Kipper, 2012, p. 89)

Essa convivência linguística descrita por Kipper (2012) manifesta-se de forma expressiva na música produzida e consumida na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Letras que alternam entre português, espanhol e guarani refletem a experiência linguística dos sujeitos fronteiriços e contribuem para o fortalecimento de uma identidade linguística que se constrói a partir da pluralidade, e não da exclusividade de um único código linguístico. Na música fronteiriça, essa variação linguística se transforma em recurso expressivo. A alternância de idiomas nas letras não ocorre de forma aleatória, mas dialoga com a realidade sociolinguística local, reforçando sentimentos de pertencimento e reconhecimento entre os sujeitos que compartilham essa experiência bilíngue ou multilíngue.

Na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a música reforça essa identidade linguística plural ao incorporar, de maneira natural, elementos de diferentes línguas em suas letras e performances. Essa prática não apenas reflete a realidade sociolinguística local, mas também contribui para sua manutenção e fortalecimento. Ao ouvir e cantar músicas que misturam idiomas, os sujeitos reafirmam sua pertença a um espaço fronteiriço específico, no qual a convivência entre línguas é parte constitutiva da vida social. Observa-se que a música desempenha um papel fundamental na preservação dessa memória linguística. Ao mesclar idiomas, as canções fronteiriças registram a experiência histórica da convivência entre brasileiros e paraguaios, evidenciando a construção de uma identidade linguística que não pertence exclusivamente a um único país, mas ao espaço social da fronteira.

Dessa forma, a identidade linguística construída na fronteira Ponta Porã–Pedro Juan Caballero deve ser compreendida como um processo relacional, dinâmico e profundamente vinculado às práticas culturais, especialmente à música. Ao legitimar a mistura de idiomas e valorizar a pluralidade linguística, a música contribui para o fortalecimento de identidades bilíngues e multilíngues, revelando-se como um elemento central na constituição simbólica dos sujeitos fronteiriços.

5.4. Síntese da análise

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permite compreender que a música, na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, atua como um dos principais elementos organizadores das identidades cultural e linguística dos sujeitos fronteiriços. Mais do que um reflexo da realidade social, a música se apresenta como uma prática ativa, que produz sentidos, legitima formas de falar e de viver e contribui para a construção de um sentimento de pertencimento compartilhado entre indivíduos que transitam cotidianamente entre dois países, duas línguas e múltiplas referências culturais.

Ao observar as práticas musicais presentes na região, torna-se evidente que a música acompanha o cotidiano dos sujeitos fronteiriços, estando presente em festas, encontros familiares, espaços públicos, rádios locais e eventos culturais. Essa presença constante faz com que a música se integre às experiências diárias, funcionando como um meio de interação social e como um espaço simbólico no qual as identidades são continuamente negociadas. Assim, a música não atua de forma isolada, mas se articula às práticas sociais e às vivências linguísticas dos indivíduos da fronteira.

No que diz respeito à identidade cultural, a análise evidencia que a música de fronteira expressa um forte caráter híbrido. Os gêneros musicais que circulam entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero combinam ritmos, instrumentos e estilos associados tanto à tradição brasileira quanto à paraguaia. Essa mistura não se dá de maneira aleatória, mas reflete a própria condição fronteiriça, marcada pela convivência cotidiana entre diferentes heranças culturais. Dessa forma, a música contribui para a construção de uma identidade cultural que não se define exclusivamente como brasileira ou paraguaia, mas como fronteiriça, resultante do contato constante entre essas duas matrizes culturais.

A música também se revela fundamental na construção da identidade linguística dos sujeitos da fronteira. As letras das canções, bem como as práticas de escuta e de performance musical, frequentemente incorporam a mescla entre português, espanhol e, em alguns casos, guarani. Essa mistura linguística reflete o bilinguismo e o multilinguismo característicos da região e evidencia que a alternância entre línguas faz parte do repertório comunicativo dos indivíduos fronteiriços. Ao ser incorporada à música, essa prática linguística adquire visibilidade e legitimidade, deixando de ser percebida apenas como um desvio ou informalidade.

Nesse sentido, a música funciona como um espaço de afirmação das identidades linguísticas híbridas. Ao circular nos dois lados da fronteira, as canções reforçam o uso simultâneo de diferentes línguas, contribuindo para a consolidação de uma identidade bilíngue ou multilíngue. A música,

portanto, não apenas reflete a realidade linguística da fronteira, mas participa ativamente da sua construção, ao valorizar práticas linguísticas que emergem do contato entre culturas e línguas distintas.

Outro aspecto relevante identificado na análise é o papel da música na preservação da memória coletiva da fronteira. As canções evocam experiências compartilhadas, histórias locais e vivências afetivas que atravessam gerações. Essa memória sonora contribui para a continuidade das referências culturais e linguísticas da região, mesmo em um contexto de constante circulação e transformação. Assim, a música atua como um elo entre passado e presente, permitindo que os sujeitos se reconheçam como parte de uma história comum.

Dessa forma, a síntese da análise permite afirmar que a música, na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, desempenha um papel central na construção das identidades cultural e linguística. Ao integrar o cotidiano, promover a interação social, legitimar práticas linguísticas híbridas e preservar a memória coletiva, a música se configura como uma prática social fundamental para a compreensão da experiência fronteiriça. A identidade construída nesse contexto não é fixa nem homogênea, mas plural, dinâmica e marcada pelo trânsito constante entre culturas e línguas, tendo a música como um de seus principais mediadores simbólicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender o papel da música na construção da identidade cultural e linguística dos indivíduos que vivem na fronteira entre Ponta Porã, no Brasil, e Pedro Juan Caballero, no Paraguai. Ao longo da pesquisa, buscou-se analisar a música não apenas como manifestação artística, mas como prática social inserida no cotidiano fronteiriço, capaz de expressar, reforçar e produzir identidades em um contexto marcado pelo contato constante entre línguas e culturas.

A partir do diálogo com os referenciais teóricos e da análise das práticas musicais presentes na região, foi possível constatar que a música ocupa um lugar central na vida social da fronteira. Ela acompanha os sujeitos em diferentes espaços e momentos, como festas, encontros, eventos culturais e meios de comunicação locais, funcionando como um importante elemento de interação social. Dessa maneira, a música se mostra profundamente vinculada às experiências cotidianas e às formas de convivência características do espaço fronteiriço.

No que se refere à identidade cultural, a pesquisa evidenciou que a música de fronteira expressa um forte caráter híbrido, resultado da combinação de ritmos, estilos, instrumentos e tradições de origem brasileira e paraguaia. Essa mistura musical reflete a própria condição da fronteira, na qual os limites nacionais se tornam mais flexíveis no plano cultural. Assim, a música contribui para a construção de uma identidade que não se restringe a um único pertencimento nacional, mas que se configura como uma identidade fronteiriça, marcada pela convivência e pelo compartilhamento de referências culturais.

Quanto à identidade linguística, o estudo demonstrou que a música desempenha um papel relevante na legitimação do bilinguismo e do multilinguismo presentes na região. A recorrente mescla de português, espanhol e guarani nas letras das canções evidencia práticas linguísticas comuns no cotidiano da fronteira. Ao serem incorporadas à música, essas práticas ganham visibilidade e reconhecimento, reforçando identidades linguísticas híbridas e valorizando formas de fala que emergem do contato entre diferentes línguas.

Por conseguinte, a música mostrou-se um importante veículo de memória coletiva, ao preservar e transmitir experiências, histórias e afetos compartilhados pelos sujeitos fronteiriços. As canções funcionam como registros simbólicos da vivência na fronteira, contribuindo para a continuidade das referências culturais e linguísticas da região. Nesse sentido, a música atua como um elemento de ligação entre passado e presente, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao espaço fronteiriço.

Diante disso, conclui-se que a música exerce um papel fundamental na construção das identidades cultural e linguística na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Ao atravessar fronteiras físicas, linguísticas e simbólicas, a música se configura como uma prática social capaz de articular diferenças, promover o diálogo cultural e reafirmar identidades plurais. Este estudo contribui, portanto, para a compreensão da fronteira como um espaço de produção cultural e identitária, destacando a música como um dos principais mediadores desse processo.

No que se refere aos possíveis desdobramentos desta pesquisa, considera-se que futuras investigações podem aprofundar a análise a partir de abordagens empíricas mais amplas, como entrevistas com músicos, produtores culturais e moradores da região, bem como análises detalhadas de letras e performances musicais específicas da fronteira. Estudos comparativos com outras regiões fronteiriças da América do Sul também podem contribuir para identificar semelhanças e particularidades nos processos de construção identitárias mediadas pela música.

Por fim, espera-se que este trabalho incentive novas reflexões sobre o papel da música como prática social em contextos de fronteira, contribuindo para o fortalecimento de estudos interdisciplinares que articulem linguagem, cultura e identidade. Ao reconhecer a música como elemento central da experiência fronteiriça, abre-se espaço para investigações que valorizem os saberes locais e ampliem a compreensão sobre os múltiplos modos de viver e de se reconhecer nas fronteiras culturais.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin. Tradução de Paulo Soethe. New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.
- CAETANO, João Paulo; MISSIO, Edson; DEFFACCI, Fabricio. **Música, fronteira e identidade cultural: práticas sonoras e construção identitária na região Brasil–Paraguai**. *Revista RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 03, n. 519, p. 1-25, 2017. Disponível em: relacult.claec.org.
- CARVALHO, Letícia Ramos de; CORRÊA, Gabriele Monteiro Filgueira; COSTA E COSTA, Lucian José de Souza. **A contribuição da música como prática social: um estudo de caso com professoras da educação infantil**. *Revista Nova Revista Amazônica*, v. XI, n. 02, p. 124-133, 2023.
- COLOGNESE, Silvio Antônio. **Brasiguaios: uma identidade na fronteira Brasil/Paraguai**. v. 19, n. 38, p. 145-157, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.48075/rtc.v19i38.9693>.
- FRANCO, Marcelo; CONTE, Juliano. **Fronteira, identidade e práticas culturais: dinâmicas sociais na região Brasil–Paraguai**. *Revista Verde Grande: geografia e interdisciplinaridade*, v. 5, n. 1, p. 81-101, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.46551/rvg267523952023181101>.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- GROSJEAN, François. The Complementarity Principle and its impact on processing, acquisition, and dominance. In. Carmen Silva-Corvalán and Jeanine Treffers-Daller (eds). **Language dominance in bilinguals: Issues of measurement and operationalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 66-84.
- HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora in. Rutherford (org.), **Identity: community, culture, difference**. Tradução de Regina Afonso. London: Lawrence and Wishart, 1990, p. 222-237.
- KIPPER, Elisângela. **Aquisição de segunda língua em contextos de bilinguismo societal**. Letrônica, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 88–102, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/12162>.
- OCHOA GAUTIER, Ana María. **Aurality: listening and knowledge in nineteenth-century Colombia**. Durham: Duke University Press, 2014.
- OLIVEIRA. Vinicius Moraes Machado de. **“Navegando no remanso”: Identidade nacional e música fronteiriça no Brasil – décadas 1930-1950**. 2022. Dissertação de mestrado – UNESP, Franca, 2022.
- TEIXEIRA, Ana Carolina da Silva. **O portunhol na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru: uma análise da Paisagem Linguística**. 2024. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM) 2024.

WICHMANN, Søren. *Review of: THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. Language contact, creolization, and genetic linguistics.* *Language*, v. 67, n. 2, 1991, p. 217-221.